



UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS – UFAL
CAMPUS DO SERTÃO – DELMIRO GOUVEIA
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

MARIA VALÉRIA DOS SANTOS

**O AMOR E A ESTÉTICA REALISTA: “UMA ANÁLISE DE *MEMÓRIAS
PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS*”, DE MACHADO DE ASSIS**

Delmiro Gouveia – AL

2021

MARIA VALÉRIA DOS SANTOS

O AMOR E A ESTÉTICA REALISTA: UMA ANÁLISE DE “*MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS*”, DE MACHADO DE ASSIS

Monografia apresentada à Banca Examinadora do Curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa, da Universidade Federal de Alagoas, *Campus* do Sertão, como requisito final para obtenção do título de licenciada em Letras-Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva.

Delmiro Gouveia – AL

2021

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca do Campus Sertão
Sede Delmiro Gouveia

Bibliotecária responsável: Renata Oliveira de Souza CRB-4/2209

S237a Santos, Maria Valéria dos

O amor e a estética realista: uma análise de “Memórias póstumas de Brás Cubas”, de Machado de Assis / Maria Valéria dos Santos. – 2021.

42 f.

Orientação: Márcio Ferreira da Silva.

Monografia (Licenciatura em Letras) – Universidade Federal de Alagoas. Curso de Licenciatura em Letras. Delmiro Gouveia, 2021.

1. Literatura brasileira - Romance. 2. Realismo. 3. Amor. 4. Memórias póstumas de Brás Cubas. 5. Assis, Machado de, 1839-1908. I. Silva, Márcio Ferreira da. II. Título.

CDU: 82.311.2(81)


FOLHA DE AVALIAÇÃO

MARIA VALÉRIA DOS SANTOS

O AMOR E A ESTÉTICA REALISTA: UMA ANÁLISE DE “MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS”, DE MACHADO DE ASSIS

Monografia apresentada à Banca Examinadora do Curso de Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa, da Universidade Federal de Alagoas, *Campus* do Sertão, como requisito final para obtenção do título de licenciada em Letras-Língua Portuguesa.

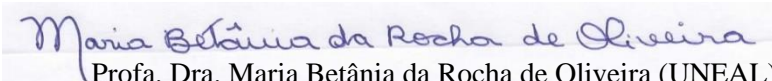
Aprovado em: 28/07/2021.

Documento assinado digitalmente
 Marcio Ferreira da Silva
Data: 09/08/2021 15:38:48-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>


Prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva (UFAL)

ORIENTADOR

BANCA EXAMINADORA


Prof. Dra. Maria Betânia da Rocha de Oliveira (UNEAL)

AVALIADORA EXTERNA

Documento assinado digitalmente
 Paulo Jose Silva Valenca
Data: 02/08/2021 00:09:53-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Prof. Dr. Paulo José Silva Valença (UFAL)

AVALIADOR INTERNO

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por se fazer sempre presente em minha vida e por ter me proporcionado a oportunidade de estar concluindo tão grandioso sonho.

Ainda continuo, nessas linhas, agradecendo a este Deus que também preparou tudo para que esse sonho viesse a ser realizado, e assim, desde o primário até essa jornada acadêmica, tive pessoas que considero anjos, as quais me apoiaram nessa caminhada, me incentivando e me fazendo enxergar a capacidade que existia na minha pessoa e que nem eu mesma sabia.

Com o coração cheio de gratidão, agradeço à mulher popularmente conhecida como Duda, ela que assumiu o papel de mãe e ainda de pai. Ela que sempre acreditou no meu potencial e esteve diariamente me avisando: “Você consegue”. Gratidão também aos meus irmãos, que torciam pelas minhas conquistas, e que enfrentavam chuva, sol e lama para me transportar até a cidade.

As minhas amigas do ensino médio; Anaíne, Janaíne, Jaqueline. Jamais esquecerei o incentivo e a boa vontade que elas sempre tiveram para me ver dentro da universidade.

Pelo fato de morar distante da universidade, enxerguei uma grande impossibilidade de não conseguir, mas um dos anjos que até hoje tenho grande apreço e que levarei para toda vida no coração. Esse anjo abriu as portas de sua casa e cuidou de mim e me fez sentir-se sua filha, foi ela: tia Marinice. Jamais esquecerei o grande bem que ela me fez.

Ao meu orientador, prof. Dr. Márcio Ferreira da Silva, agradeço imensamente pelas contribuições na minha jornada acadêmica e pelas belas orientações que fizeram ampliar as minhas ideias e discussões. Nessa jornada conheci pessoas maravilhosas que foram parceiros(as) de turma e que fizeram minhas tardes/manhãs mais felizes; agradeço a vocês: Herlanne, Camila, Luana, Andréa, Valéria Campos, Rafaela, Jeferson, Éricles, João Marcos.

À banca examinadora, à Profa. Dra. Maria Betânia Rocha e ao Prof. Dr. Paulo Valença, meus agradecimentos.

Em especial, agradeço ao meu companheiro e amado Madson, este que com seu ser professor me inspirou e me fez querer mais ainda a área da educação como opção de curso.

“Não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento (...) Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria”. (MACHADO DE ASSIS, In: Memórias Póstumas de Brás Cubas, 2017, p. 178)

RESUMO

Tendo em vista que o amor tem sido tema nas diferentes fases da literatura, o presente trabalho busca refletir e analisar o tema do Amor em suas diferentes representações no romance *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado Assis. Esta pesquisa se debruçou no movimento estético Realismo, partindo do pressuposto de que o amor demasiado, que era tema recorrente nas obras do Romantismo, escola literária que antecede o que está em análise, sofreu uma forte moderação, uma vez que o pensamento burguês tenha influenciado para que isso viesse acontecer. Para tanto, buscamos compreender fatores históricos e sociais da vida do autor, por meio da análise dos aspectos socioculturais de tendências capitalistas na obra; refletiu-se sobre como é dada a ascensão da burguesia do século XIX e percebeu-se as visões que o amor foi recebendo em diferentes momentos da história humana por meio de escrita literária. A pesquisa partiu, a princípio da Grécia, época em que o amor foi exaltado e tido como algo soberano e divino. Realizou-se, então, uma pesquisa com metodologia qualitativa de natureza básica, de caráter exploratório, envolvendo como instrumento técnico um levantamento bibliográfico. Assim, usou-se os seguintes teóricos para fundamentar esta pesquisa: Schwarz (2000) Souza (2018), Bosi (2000), Candido (1995), Ferreira(2012), Brait (2004).

Palavras-chave: Machado de Assis. Brás Cubas. Literatura. Amor. Realismo.

ABSTRACT

Considering that love has been a theme in different phases of literature, the present work seeks to reflect and analyze the theme of Love in its different representations in the novel *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, by Machado Assis. This research focuses on the aesthetic movement of Realism, based on the assumption that too much love, which was a recurring theme in the works of Romanticism, the literary school that precedes the one under analysis, suffered a strong moderation, and that bourgeois thought has influenced this to happen. To do so, we sought to understand historical and social factors of the author's life, analysing sociocultural aspects of capitalist tendencies in the work; we reflected on how the rise of the bourgeoisie of the nineteenth century was given and we noticed the views that love has been receiving at different times in human history through literary writing, starting at first from Greece, a time when love was exalted and seen as something sovereign and divine. The research was conducted using a qualitative methodology of a basic, exploratory nature, involving a bibliographical survey as a technical instrument. Thus, the following theorists were used to support this research: Schwarz (2000) Souza (2018), Bosi (2000), Candido (1995), Ferreira (2012), Brait (2004).

Key-words: Literature. Love. Realism.Character.Machado de AssisMachado de AssisMachado de Assis

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. O AMOR NO REALISMO.....	12
2.1.O Romance Realista.....	16
2.2.Machadode Assis e o amor.....	19
3. MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS E AS PERSONAGENS	21
3.1.Brás Cubas	25
3.2.Virgília	27
3.3.Lobo Neves	29
4. O AMOR DESTROÇADO	31
4.1.O Jogo da Traição	31
4.2.Sem solução para o Amor, Morte.....	35
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
6. REFERÊNCIAS.....	40

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo discutir a forma como o amor é representado na obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, cujo estudo se ambienta no movimento das persoagens em relação às ações na narrativa. Visto que o amor tem recebido diferentes visões no decorrer da história, buscaremos compreender como o escritor realista abarca o amor na obra, que é introdutória do Realismo no Brasil, uma vez que esse movimento literário provocou uma mudança radical em relação ao período do Romantismo que considerava o amor como relação de subjetividade da personagem.

Sabemos que no Romantismo o amor estava atrelado ao sentimentalismo, ou seja, havia uma demasiada idealização do amor como relação subjetiva e que esse regeria a vida das personagens, colocando-o em primeiro plano nas relações humanas. Em oposição a esse pensamento surge o Realismo com a intenção de mostrar que o amor não é ideal, mas real, uma vez que parte dos interesses sociais, políticos e econômicos.

Na obra em análise, podemos perceber que a personagem principal, Brás Cubas se relaciona com três mulheres, porém em nenhuma das relações obteve êxito, pois em todas havia certo interesse ligado ao *status* social. Quando esse interesse não vinha da parte de Brás, advinha das mulheres, e assim o romance mostra que o materialismo estava acima do sentimento, e, com isso, a obra vai evidenciando o quanto o “ter” supera o “ser”, ou melhor dizendo, o que o ser humano possui, vale mais do que ele é.

O movimento no qual a obra foi produzida deu abertura para que Machado de Assis levasse para a sua produção um reflexo do que seria o pensamento do homem do seu tempo, ou seja, do final do século XIX, que era um pensamento burguês, desejo de crescimento econômico, político e *status* para si a todo custo, mesmo que tivesse que sacrificar um “grande amor”. Como exemplo, podemos destacar o caso da personagem Virgília, ainda que sentisse um forte sentimento por Brás Cubas, ela opta por se casar com Lobo Neves, o qual é representado na obra como político renomado.

No período que a obra foi produzida, o Brasil estava passando por um momento conturbado e com diferentes transformações na política e na economia. A perda de apoio dos setores conservadores como a Igreja Católica, os grandes fazendeiros, o forte movimento militar, a abolição da escravatura, a pressão internacional e os motivos pessoais de Marechal Deodoro da Fonseca enfraqueceram a monarquia do país, dando espaço a proclamação da República.

Machado de Assis se embasa em todo contexto em que o país estava vivendo e leva para dentro da obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, uma nova forma de se pensar o amor, e as relações sociais.

Na primeira seção, trazemos uma comparação sobre a visão de amor no movimento estético em estudo e em diferentes momentos da humanidade, assim como o amor na visão dos gregos, sendo que estes exaltavam esse tema. Para isso utilizaremos a obra “O banquete de Platão” .

Na segunda, apresentamos a obra em análise, fazendo uma ponte entre as personagens e o movimento estético na qual elas estão inseridas. Nesse capítulo, utilizamos Roberto Scharz (2000) para discutir sobre a divisão de classe representada na obra, uma vez que isso vai interferir na escolha dos pares afetivos na obra. Para pensar sobre o perfil de “defunto autor”, trouxemos Souza (2018). Ainda, nesse mesmo capítulo, recorreremos a Alfredo Bosi (1936) e Antônio Candido (1995) para refletir sobre a posição de narrador personagem de Brás Cubas.

Por fim, na última seção, utilizamos Vardelan Ferreira (2012), Beth Brait (2004) para fundamentar a ideia de amor dentro da obra, contrapondo-se, assim, ao Romantismo.

2. O AMOR NO REALISMO

No decorrer da história da humanidade, a sociedade foi se modificando, assim também como a concepção que se tinha de amor. Ao começar pela sociedade grega, vejamos como os grandes filósofos da Grécia Antiga enxergavam o amor, em seguida, relataremos a visão dos românticos no período do romantismo e, por fim, chegaremos ao período em estudo: o realismo, este em que se concretizou uma radical mudança no que se vinha chamando de amor anteriormente.

Para refletirmos sobre a visão de amor na visão grega, tomamos como base a obra *O banquete*, de Platão (2019), considerado um dos mais importantes discípulos de Sócrates. Nesta obra, o autor descreve uma cerimônia contendo bebidas, comidas, músicas e alguns amigos comemorando a vitória de Agatão, o qual é o dono da casa e o homenageado da noite, por ter obtido êxito em uma exposição teatral. O tema do encontro é o Amor.

O banquete de Platão (2019) é narrado por Apolodoro; com isso, existem suspeitas de que alguns aspectos foram criados, uma vez que o filósofo grego não se fez presente na festa. Na obra é descrito que diante de conversações, surge a ideia de travarem uma competição de discurso oral, a respeito da amizade e, principalmente, a definição do que seria o amor. Vale salientar que nesta disputa estavam sete homens, um deles Erixímaco, que determina a sequência das falas e o assunto a ser debatido.

O primeiro discurso foi proferido por Febro; este intelectual faz um enaltecimento à palavra amor e a descreve como um sentimento responsável por despertar o que há de melhor na vida dos seres humanos, conforme afirma o seguinte trecho:

Aquilo que, com efeito, deve dirigir toda a vida dos homens, dos que estão prontos a vivê-la nobremente, eis o que nem a estirpe pode incutir tão bem, nem as honras, nem a riqueza, nem nada mais, como o amor. A que é então que me refiro? À vergonha do que é feio e ao apreço do que é belo. Não é com efeito possível, sem isso, nem cidade nem indivíduo produzir grandes e belas obras. [...] **Assim, pois, eu afirmo que o “amor” é dos deuses o mais antigo, o mais honrado e mais poderoso para aquisição da virtude e da felicidade entre os homens, tanto em sua vida como após sua morte**(PLATÃO, 2019, p.6). Grifos nossos.

Por meio desse pensamento, notamos que na expressão destacada, é colocada uma carga de poder, uma vez que amor é posto como a garantia da felicidade plena, em que nem mesmo com fim da materialidade do corpo humano, ele pode chegar ao fim.

O próximo a se pronunciar foi Pausânias, este replicou Febro dizendo que a forma como Febro havia descrito o amor não seria tão bela, e, posteriormente apresentou sua visão dizendo que não existe só um Eros, mas dois “se, com efeito, um fosse amor, muito bem estaria; na

realidade porém, não é ele um só; e não sendo um só, é mais acertado primeiro dizer qual se deve elogiar”. (PLATÃO, 2019, p.7). Para Pausânias existem duas formas que leva ao amor: o *Eros Pândemos* e o *Eros Urânios*, sendo o primeiro voltado mais para asexualidade/erotização, e o outro remete ao mundo da divindade, e que segundo Pausânias; assim é que o amar e o amor não são todo ele belo e digno de ser louvado, mas apenas o que leva a amar belamente. Com isso, nota-se que o orador defende o *Eros Urânios*.

O terceiro a debater é um médico: Eraxímaco. As palavras proferidas por ele têm relação com a sua profissão, uma vez que defendeu um amor saudável com equilíbrio e moderação:

Ora, eu começarei pela medicina a minha fala, a fim de que também homenageemos a arte. A natureza dos corpos, com efeito, comporta esse duplo amor; sadio e o mórbido são cada um reconhecidamente um estado diverso e dessemelhante, e o dessemelhante deseja e ama o dessemelhante. Um portanto é o amor que no que é sadio, e outro no que é mórbido (PLATÃO, 2019, p.10).

Desta forma, Eraxímaco coloca o amor como algo que pode resultar no bem-estar e na harmonia da pessoa. Terminada a palavra de Eraxímaco, Aristófanes logo se expõe a falar sobre o amor, ele que propôs que para se tratar do amor é necessário primeiro considerar a natureza do deus, e depois adentrar em seus benefícios:

Com efeito, parece-me os homens absolutamente não terem percebido o poder do amor, que se o percebessem, os maiores templos e altares lhe preparariam, e os maiores sacrifícios lhe fariam, não como agora que nada disso há em sua honra, quando mais que tudo deve haver (PLATÃO, 2019, p.11).

Dito isto, chega a vez de Agatão, vencedor e dono da casa, o qual associou o amor ao belo:

Digo eu então que de todos os deuses, que são felizes, é o amor, se é lícito dizê-lo sem incorrer em vingança, o mais feliz, porque é o mais belo deles e o melhor, ora, ele é o mais belo por ser tal como se segue. Primeiramente, é o mais jovem dos deuses, ó Fedro (PLATÃO, 2019, p.15).

Em sua fala, podemos perceber que a ideia de amor está posta no próprio deus; Eros é o amor, segundo a visão de Agatão, e esse amor estaria marcado por sua beleza.

Logo após, o discurso tão esperado da noite se inicia, ou seja, o discurso do homem considerado o mais sábio, ou seja, Sócrates. Segundo a obra platônica, a percepção de Sócrates é a de que o amor é o desejo, e nós só desejamos aquilo que não temos:

Observa bem, continuou Sócrates, se em vez de uma probabilidade não é uma necessidade que seja assim, o que deseja aquilo que é carente, sem o que não deseja, se não for carente. É espantoso como me parece, Agatão, ser uma necessidade; e a ti? (PLATÃO, 2019, p.18).

Com a fala de Sócrates, Alcibíades aproveita apenas para louvar o que Sócrates havia dito:

Tu porém dele diferes apenas nesse pequeno ponto, que sem instrumentos, com simples palavras, fazes o mesmo. Nós pelo menos, quando algum outro ouvimos mesmo que seja um perfeito orador, a falar de outros assuntos, absolutamente por assim dizer ninguém se interessa; quando porém é a ti que alguém ouve, ou palavras tuas referidas por outro, ainda que seja inteiramente vulgar o que está falando, mulher, homem ou adolescente, ficamos aturcidos e somos empolgados (PLATÃO, 2019, p.30).

Por fim, para encerrar a disputa de oralidade, Aristofane se pronuncia acerca do assunto, profetizando que o homem só alcançará a felicidade se for preenchido por Eros.

Por meio desse discurso filosófico podemos pensar a forma como a sociedade grega percebia a ideia do que seria amor naquela época. Partindo dos pensamentos aqui apresentados, podemos notar que o amor está atrelado à noção de pureza, do belo, do divino, do sentimento que, unicamente poderia garantir ao homem a felicidade. O amor seria uma carência que o ser humano almejava suprir, ou ainda podemos dizer que seria a busca incessante dos indivíduos na corrida da vida.

O discurso mantido em *O banquete* intensifica o valor atribuído ao amor no cenário em 380 a.c, mostrando assim que este se tratava de algo que seria essencial na natureza humana. A partir dessa discussão acerca da cultura grega e sua percepção sobre o amor, partiremos para o movimento do Romantismo, o qual também deu ênfase a essa temática.

O Romantismo é reconhecido por ser um período cultural, artístico e literário, que teve início na Europa no período do século XVIII e se expandiu pelo mundo até o final do século XIX.

Segundo Marina Cabral (2019), as principais características desse movimento são: subjetivismo, medievalismo, liberdade de criação, pessimismo temas religiosos, individualismo, nacionalismo, valorização das emoções e, especificamente, do amor platônico, assemelhando-se assim do que fora discutido anteriormente. Esta época ficou marcada pelo tom melancólico expresso nas obras literárias, ou seja, pela forma de evidenciar o sentimentalismo demasiado por meio da subjetividade .

No Brasil, o Romantismo foi dividido em três gerações; - a primeira geração ficou conhecida como indianista ou nacionalista, por destacar temas nacionais, fatos históricos e vida dos índios, estes tidos como símbolo cultural do Brasil:

Para a primeira geração romântica, porém, presa a esquemas conservadores, a imagem do índio casava-se sem traumas com a glória do colono que se fizera brasileiro, senhor cristão de suas terras e desejoso de antigos brasões. É a

perspectiva de Gonçalves Dias até à sua última produção indianista, *Os Timbiras*, “poema americano dedicado à Majestade do Muito do Alto e Muito Poderoso Príncipe e senhor D. Pedro II, Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil”(BOSI,2006, p.111).

Gonçalves Dias, Gonçalves Magalhães, Araújo Porto Alegre e Teixeira e Souza foram os autores que marcaram esse momento. A segunda geração, conhecida como mal do século ou fase ultrarromântica, apresentava temas marcados pelo pessimismo, valorização da morte e retratação de temas amorosos levados ao extremo. Autores que ganharam destaque foram: Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Junqueira Freire, Fagundes Varela. Por fim, a terceira geração ficou conhecida como a geração condoeira, poesia social ou hugoana. Segundo Rebeca Fuks (2019), os textos dessa geração eram marcados pela crítica social. Castro Alves foi o autor que representou esta fase, uma vez que criticou de forma direta a escravidão por meio do poema *Navio Negroiro*.

Vale lembrar que o autor em estudo (Machado de Assis) foi escritor dessa última geração, uma vez que obtém conhecimento com alguns escritores consagrados da época romântica, tais como: Cassimiro de Abreu, Joaquim Manuel, de Macedo, Manuel Antônio de Almeida, Pedro Luís e Quintino Bocaiuva . Sua primeira obra dessa fase foi *Ressurreição*(1872),um romance seguido por *A Mão e a Luva*(1874), *Helena*(1876), *Iaiá Garcia*, *Contos Fluminenses*(1870)e *Histórias da Meia Noite*(1873). Mesmo com todas as ideias do romantismo, nas narrativas machadianas já havia o senso crítico e psicológico das personagens, uma das principais características de seus textos, características estas que ganham peso no período literário que sucede; o realismo. De acordo com Fernando Marinho (2020), nesse período Machado de Assis embarca profundamente com certa maturidade de escritor e ganha destaque com a obra *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, nela, o autor apresenta uma forte ruptura de alguns aspectos centrais do romantismo, especificamente no que diz respeito ao amor.

Em *Memórias Póstumas*, Machado vai produzir uma narrativa na qual cria uma personagem: Brás Cubas, que possui uma vida amorosa totalmente conturbada, pelo fato das relações serem construídas em torno de interesses econômicos, políticos e sociais. Essas características atendem à estética realista, já que refletem sobre a sociedade do século XIX, e de certa forma prevendo o(s) futuro(s) século(s). Roberto Schwarz firmar que:

Ao transpor para o estilo as relações sociais que observava, ou seja, ao interiorizar o país e o tempo, Machado de Assis compunha uma expressão da sociedade real, sociedade horrendamente dividida, em situação muito particular, em parte inconfessável, nos antípodas da pátria romântica. O

“homem do seu tempo e do seu país” deixava de ser um ideal e fazia figura de um *problema*(SCHWARZ,2000,p.11 – Grifo do Autor).

Perante essa colocação, vemos que Machado de Assis não se tratava apenas de um escritor, mas também de alguém que observava a sociedade de forma crítica, e que de forma artística transferia a realidade para as suas obras, principalmente no realismo, movimento este que abriu espaço para que isso acontecesse. Machado deixa de enxergar o amor como o centro das relações humanas e passa a perceber que esse sentimento que as pessoas se dizem possuir umas pelas outras tratava-se de uma convenção social, uma vez que a materialidade superava o sentimentalismo. Assim, o autor irá dar conta das mazelas que, na sua visão, existia na sociedade do seu tempo e talvez do tempo futuro. Reconhecido pelo tom irônico em suas obras, Machado de Assis despreza a idealização de amor que o romantismo pregava, e busca reproduzir a sociedade da forma mais verossímil possível.

2.1.O Romance Realista

O realismo teve início na França, e de lá se expandiu. Este movimento estético surgiu nos meados do século XIX na Europa, especificamente na França em reação ao romantismo, este último que tinha como objeto de arte literária, os sentimentos, as fantasias, enfim, a subjetividade.

O Realismo foi inaugurado com a obra *Madame Bovary*(França-1857), de Gustave Flaubert, em que, no enredo, a personagem principal busca um amor romântico, perfeito, porém a dura realidade, sem emoções, não possibilita que suas fantasias e pretensões se realizem, e com isso ela acaba por se suicidar. A partir dessa obra, o realismo se espalha por diferentes países europeus.

Em Portugal, o realismo se iniciou a partir da Questão Coimbrã, polêmica literária entre Antero de Quental, Teófilo Braga e os jovens literatos que surgiram na década de 1860, e os representantes da geração anterior, entre os quais está Castilho. Conforme Daniela Diana (2019), a Questão Coimbrã se deu pelo desejo de se fazer uma nova literatura, que pudesse dar conta da realidade social, e a literatura romântica não mais era satisfatória para aquela determinada época, uma vez que a subjetividade não dava conta em descrever a realidade artisticamente.

De um lado da questão estava o escritor português romântico Antônio Feliciano de Castilho, e de outro lado estava o grupo de estudantes da universidade de Coimbrã: Antero de Quental, Teófilo Braga e Vieira de Castro, um trio que ansiava por mudança no fazer literário.

No Brasil, o realismo surge dentro de um grande contexto histórico, uma vez que o cientificismo, o positivismo e as teorias sociais vindas da Europa juntamente com segunda revolução industrial/capitalismo, o final do segundo reinado, ou seja, o final da monarquia, a abolição da escravatura, resultou em uma forte conturbação, dando assim o lugar de se pensar em uma literatura realista, mais objetiva e que retratasse a realidade social do momento. Com isso, surgem escritores com a preocupação de levar para a literatura um “realismo”, para explicar artisticamente o que estava acontecendo no Brasil.

O realismo é uma maneira de se fazer arte que não mais é subjetiva como no romantismo, muito pelo contrário, ela é objetiva, descritiva, detalhada, direta ao assunto, sendo assim, ela é uma literatura universal, diferentemente do romantismo que ficava presa num “eu” o tempo todo. A literatura realista tende a ser mais verossímil, assim como mostra Coutinho (1999, p. 10):

O Realismo procura apresentar a verdade. Esse tratamento, verdadeiro do material, essa verossimilhança no arranjo de fatos selecionados, unificados, apontando numa direção, é essencial, e se traduz também no uso de emoção, que deve fugir ao sentimentalismo ou artificialidade. Essa qualidade aparece no modo de apresentar partes: o realismo não se submete a uma visão demasiado ordenada da vida, o que lhe parece artificial, pois a vida tem um ritmo irregular.

Por meio disso, a visão realista vê a vida como algo irregular, fora do artificial, tendo em vista as problemáticas geradas na vida do ser humano. Dessa forma, as obras realistas discutem psicologicamente o comportamento da sociedade, isso por meio das personagens e do narrador em terceira pessoa, onisciente, e sabendo de tudo que está acontecendo dentro da trama. Convém destacar que, ao fazer uma análise psicológica, o intuito é trazer uma reflexão sobre o que está havendo no mundo.

Quanto às personagens, enfatizamos que, por meio delas, o autor realista pode até mesmo fazer uma crítica política ou uma crítica social. E quem fez isso exclusivamente, foi Machado de Assis, inaugurando assim, o realismo no Brasil com a obra **Memórias Póstumas de Brás Cubas** em 1891. Ainda que tenha sido um autor no período romântico ele finaliza esse período com as obras românticas **A ressurreição** e **A mão e a luva** em 1874, trazendo em seguida um novo modo de revelar na arte a turbulência a qual a sociedade da época estava enfrentando. Dessa forma, Machado fez uma ruptura na visão de amor que as pessoas já tinham incorporado. Bosi (2006, p. 167 – Grifo do Autor) vai trazer algumas características da produção literária no período romântico:

No plano da invenção ficcional e poética, o primeiro reflexo sensível é a descida de tom no modo de o escritor relacionar-se com a matéria de sua obra.

O liame que se estabelecia entre o autor romântico e o mundo estava afetado de uma série de mitos-idealizantes: a natureza-mãe, a natureza-refúgio, o amor-fatalidade, a mulher-diva, o herói-prometeu, sem falar na aura que cingia alguns ídolos como a “nação”, a “pátria”, a “tradição”, etc. O romântico não teme as demasias do sentimento nem do sentimento nem os riscos da ênfase patriótica; nem falseia de propósito a realidade, como anacronicamente se podia hoje inferir: é a sua forma mental que está saturada de projeções e identificações violentas, resultando-lhe natural a mitização do que escolhe. Ora, é esse complexo ideo-afetivo que vai cedendo a um processo de crítica na literatura dita “realista”. Há um esforço, por parte do escritor anti-romântico, de acercar-se impessoalmente dos objetos, das pessoas. E uma sede de objetividade que responde aos métodos científicos cada vez mais exatos nas últimas décadas do século. (BOSI, 2006, p.167)

Diante do exposto, podemos entender que o autor romântico se contrapõe completamente ao da escrita realista. O escritor realista tentará se aproximar o máximo possível da realidade do mundo, fugindo dos exageros convencionados sobre os sentimentos. Na obra em análise, Machado vai especificar isso, quando nos relacionamentos de Brás Cubas havia uma certa crise, resultando no final da obra, a personagem Brás fica sem casar. Logo no início da obra, o narrador personagem conta sobre sua morte e com isso evidencia que morreu solteiro:

Dito isto, expirei às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos contos e fui acompanhado ao cemitério por onze amigos (ASSIS, 2007, p.11).

Com isso, percebemos que o pessimismo também será uma característica do movimento realista, uma vez que dentro dessa obra machadiana ocorre tudo errado na vida da personagem protagonista, Brás.

Mais do que se contrapor ao romantismo, o realismo procurou observar e analisar as mazelas reproduzidas no século XIX, tentando mostrar fielmente o que estava acontecendo na convivência e relações entre as pessoas. O movimento estético realista tinha a preocupação de retratar sobre o momento histórico, sobre as diferenças de etnias, condições físicas, classes sociais, o amor e o casamento, etc. Ao tratar de amor e casamento, o autor realista se esforçará para mostrar que estes não passam de uma mera convenção social, de aparência. Outros aspectos tratados pelo realismo são: linguagem direta, narrativa lenta, retratação da sociedade burguesa, contextos políticos e econômicos, personagens comuns do cotidiano dos escritores, tais como: comerciantes, funcionários públicos, professores, análise dos sujeitos, não somente em sua individualidade, mas na coletividade, sentimentos, sobretudo o amor, subordinado aos interesses sociais, e assim por diante.

2.2. Machado de Assis e o amor

No que diz respeito a Joaquim Maria Machado de Assis, sabemos que, além de um escritor realista, ele também foi fundador e presidente da Academia Brasileira de Letras e precursor do realismo Brasil. O autor teve a oportunidade de acompanhar uma forte transição de mudanças ocorridas na pátria, tais como: a abolição da escravidão e a passagem do Brasil Império para Brasil República. Machado de Assis, como era conhecido, publicou mais de 200 contos, 10 romances, entre outros gêneros, como peças teatrais, crônicas, etc. Nascido no Morro do Livramento, Rio de Janeiro, filho de descendentes de escravos, Machado de Assis passou a ser um observador da sociedade local, e logo tornou-se um escritor crítico dos valores burgueses devido à sua forma irônica de retratar os fatos, como também pelo uso de metalinguagens.

Na obra realista **Memórias Póstumas de Brás Cubas**, a qual foi introdutória do movimento estético Realismo no Brasil, o autor não obedece fielmente aos princípios da escrita realista, chegando assim a romper com alguns aspectos, mas, mesmo assim a obra trazia um sentido que se enquadra dentro do realismo.

O estilo machadiano possui originalidade do autor. Na obra em estudo, podemos perceber que Machado cria uma personagem metafísica, começando pelo próprio Brás, que assume o lugar de autor defunto, e parte narrando a sua própria história. Portanto, essa personagem já não pertence ao plano físico. Outro aspecto é a presença de capítulos curtos, o uso do tempo psicológico, quebrando assim a linearidade do enredo, uma vez que o narrador, por meio da personagem Brás Cubas, não começa a contar a história de uma forma natural, ou seja, desde o nascimento até a morte, mas, ao contrário, o autor começa a contar a partir da sua morte. Além disso, deve-se considerar também alguns fatores: o pessimismo acerca do homem e o meio; a ironia à sociedade; o narrador em primeira pessoa, que torna a narrativa mais parcial; a linguagem ambígua; o diálogo com o leitor. Todas essas características são notadas no início do romance, quando o narrador compartilha com o leitor a dúvida sobre a técnica da descrição da própria vida:

Algum tempo hesitei se deveria abrir estas memórias pelo princípio ou fim, isto é, se poria em primeiro lugar o meu nascimento ou a minha morte. Suposto o uso vulgar seja começar pelo nascimento, duas considerações me levaram adotar diferente método: a primeira é que eu não sou propriamente autor defunto, mas um defunto autor, para quem campa foi o berço; a segunda é que o escrito ficaria assim elegante e mais novo, Moisés, que também contou sua morte, não a pôs no intróito, mas no cabo: diferença radical entre esse livro e o Pentateuco (ASSIS, 2007, p.11).

Conforme mostra este trecho, existe certa conversa entre o narrador e o leitor, causando assim um afastamento do modelo de escrita do realismo proposta pela época, e nisso ainda percebemos que a escrita em primeira pessoa é uma tentativa de apresentar a ideia de verdade daquilo que vem sendo dito.

Diante da discussão sobre o estilo machadiano, partimos para uma reflexão acerca da maneira como o autor tratou o amor em suas diferentes obras. Como já mencionado neste trabalho, Machado foi um autor que produziu obras literárias no romantismo, e que logo passou a aprimorar um fazer literário totalmente distinto do que ele já vinha fazendo. Ao adentrar no realismo, percebemos que o autor passa a habitar em um campo que não mais condiz com o que se vinha pensando sobre o amor, uma vez que nas obras realistas de Machado de Assis, nota-se o predomínio da ambição, em que as personagens não buscam nas outras o que elas podem *ser*, mas o que podem *ter*, ou seja, o ser é invertido pelo ter, e quando há um sentimento forte, ou até mesmo amor, este logo é colocado para trás por meio de traição ou do desejo de materialidade. A temática traição, Machado de Assis dá ênfase a esse aspecto, como presente na obra em estudo, **Dom Casmurro e Quincas Borbas**:

Deslocado, assim, o ponto de vista, um velho tema como triângulo amoroso já não se carregará dos phatos românticos que envolvia herói- heroína- o outro, mas deixará vir à tona os mil e um interesses de posição, prestígio e dinheiro, dando a batuta à libido e à vontade de poder que mais que mais profundamente regem os passos do homem em sociedade. Da história vulgar de adultério de Brás Cubas- Virgília- Lobo Neves à triste comédia de equívocos de Rubião- Sofia- Palha (*Quincas Borba*), e desta tragédia perfeita de Bentinho- Capitu- Escobar (D. Casmurro) só aparecem variantes de uma só e mesma lei: não há mais heróis a cumprir missões ou a afirmar a própria vontade: há apenas destinos, destinos sem grandeza (BOSI, 2006, p.191).

Nessas obras existem triângulos amorosos; em **Memórias póstumas...**, mesmo apaixonada por Brás, Virgília, prefere casar-se com Lobo Neves pelo fato dele ter uma carreira política mais bem promovida; em **Dom Casmurro**, Bentinho suspeita que a esposa o tenha traído com Escobar, e em **Quincas Borba**, Rubião se apaixona por Sophia que, mesmo casada, planejava obter lucro da relação. Vale frisar que em cada triângulo amoroso, existe morte.

Perante essas observações, Machado aponta uma distorção nas relações amorosas, pelo motivo de haver sempre um impedimento para que haja amor, já que o interesse das personagens não está no sentimento do outro, mas no que o outro pode ofertar politicamente e economicamente.

Assim, o autor segue evidenciando que o amor realista está atrelado ao “ter”, contrapondo-se então à visão dos românticos e fugindo dos ideais apresentados nas obras da primeira fase do Romantismo.

3. MEMÓRIAS PÓSTUMAS DE BRÁS CUBAS E AS PERSONAGENS

A obra em estudo é constituída por 160 capítulos, e todos apresentam narrações curtas. A exemplo disso tem o capítulo 125, intitulado “Epitáfio”: “AQUI JAZ DONA EULÁLIA DANASCENA DE BRITO MORTA AOS DEZENOVE ANOS ORAI POR ELA!”(ASSIS, 2018, p.152). Não é aleatório que a escrita desse capítulo foi produzida com letras maiúsculas, uma vez que esse modelo de escrita mantém relação com o próprio título, e, Machado de Assis cria tal capítulo como se quisesse deixar na obra a marca do próprio Epitáfio de cemitério, o que torna mais original seu estilo.

Memórias póstumas possui várias personagens, o protagonista é **Brás Cubas** e este assume o lugar de “defunto autor”; ele assim define, para narrar suas memórias de forma irônica, fazendo críticas à maneira como se dão as relações humanas. Das personagens que se destacam na obra temos:

Virgília: Esposa do político Lobo Neves e amante do protagonista. Ela teve oportunidade de se casar com Brás Cubas, porém optou casar-se com um homem mais rico, mas continuou mantendo encontros com Brás.

Eugênia: Conhecida como Flor da Moita, Eugênia foi o segundo “amor” de Brás Cubas. Ela tem como mãe, dona Eusébia. Eugênia é colocada na narração como uma moça bonita, mas por ser coxa, é desprezada pelo protagonista devido à sua deficiência física:

O pior é que era coxa. Uns olhos tão lúcidos, uma boca tão fresca, uma compostura tão senhoril; e coxa! Esse contraste faria suspeitar que a natura é às vezes um imenso escárnio. Por que bonita, se coxa? Por que coxa, se bonita? Tal era a pergunta que eu vinha fazendo a mim mesmo ao voltar para casa, de noite, sem atinar com a solução do enigma (ASSIS, 2018, p.60).

O apelido dado não é aleatório, uma vez que vem lembrar o desprezo dado pela sociedade a uma pessoa nascida fora do casamento, porém esse não seria o principal motivo para ele não querê-la:

Retenhamos três pontos: a) o fundo da questão é mesmo de classe, e o defeito físico não passa de um acréscimo, que lhe serve de alibi; b) no contexto da dominação de classe, os trunfos humanos dos inferiores são vistos como outros tantos infortúnios; c) a conveniência momentânea da personagem volúvel é ideologicamente produtiva e engendra modos de ver e dizer que a expressam com precisão, sendo embora disparates à luz de um critério esclarecido. Este terceiro ponto exemplifica-se uma frase depois: “Por que bonita, se coxa? porque coxa, se bonita?”(SCHWARZ, 2000,p.95).

Eugênia é colocada na obra como uma moça pobre, e a pobreza torna-se vilã para o pensamento burguês, e este conseqüentemente seria o lugar que a personagem Brás Cubas era

colocada, o qual torna-se uma representatividade da sociedade do século XIX, refletindo assim os comportamentos e modos da sociedade atual, mediante o desejo de chegar a classe dominante.

Marcela: Segundo o que fora narrado na obra em estudo, Marcela diz respeito à primeira mulher que Brás Cubas se relacionou. Tratava-se de uma “prostituta”, porém, em nenhum momento Brás se utilizou desse termo pejorativo ou qualquer outro do tipo na narração, mas entre rodeios, por meio da ironia e o eufemismo foi o que ele deixou a pensar sobre a personagem: “...Marcela me amou por quinze meses e onze contos de réis; nada menos.” (ASSIS, 2017, p.37). E ainda continua: “ De todas, porém, a que me cativou logo foi uma...uma... não sei se digo; este livro é casto, ao menos na intenção, na intenção é castíssimo”(ASSIS, 2018, p.33).

Dessa forma, o narrador defunto começa dispor de um gesto respeitoso com o leitor, mas não deixando passar o que realmente quis dizer, utilizando-se assim de um jogo de palavras e pontuações para disfarçar os duros termos que, mesmo não ditos, chegam à conclusão dos leitores, ainda que não estejam presentes na escrita.

Ao falar sobre Marcela, existe um trecho onde podemos notar que a obra faz uma crítica ao movimento estético do romantismo:

Ocorre-me uma reflexão imoral, que é ao mesmo tempo uma correção de estilo. Cuido haver dito, no capítulo XIV, que Marcela morria de amores pelo Xavier. Não morria, mas vivia. Viver não é a mesma coisa que morrer; assim o afirmam todos os joalheiros deste mundo, gente muito vista na gramática (ASSIS, 2018, p.36).

Como já dito neste trabalho, a visão de amor no período do Romantismo, vinha sendo demasiada. Havia um pensar em “morrer de amor”, e, em oposição a esse pensamento, na citação acima percebemos que há uma crítica a isso, uma vez que não se morre por amor, mas se vive, para assim desfrutar desse amor. Esse pensamento se repete em outra obra machadiana: Esaú e Jacó: “O amor, que é a primeira das artes da paz, pode-se dizer que é um duelo, não de morte, mas de vida, — concluiu Aires sorrindo leve, como falava baixo, e despediu-se” (ASSIS, 2003, p.11).

O relacionamento de Brás Cubas com Marcela mostra também que há um pensamento materialista partindo da pretendente. Nisso, nota-se que o autor usa uma estratégia de mostrar que na verdade, o amor não era o que realmente importava, mas o dinheiro, a materialidade. Segundo Bosi, o pensamento burguês fazia parte da estética literária realista:

Assim, dos anos 60 por diante, só haverá duas vertentes ideológicas relevante na Europa culta: o pensamento burguês, o conservador (autora, radical, em

face de tradição aristocrática), e o pensamento das classes médias (ou em casos de consciência de classe, dos proletariados), que assume os vários matrizes de liberalismo republicano e socialismo (BOSI, 2006,p.166).

Com seu estilo próprio, Machado incorporou em sua obra, essas principais vertentes, mostrando que a sociedade do momento possuía a vontade de “ter” e “poder”.

Ainda na obra, preocupado com relacionamento de Marcela e Brás, o pai dele decide mandar o filho para estudar fora do País por um tempo, com o intuito de distanciá-lo da suposta prostituta. Brás se forma em direito, curso este que até os dias atuais é tido como o curso da elite, e entre outros, assim como a Medicina, engenharia... entre outros.

Lobo Neves: Marido de Virgília e político; *Dona Plácida*: Empregada de Virgília e que acoberta os amantes; *Prudêncio*:Filho de escravos e que servia de brinquedo na infância de Brás Cubas. Depois de crescido, Brás o encontra numa praça batendo em um negro comprando por ele; *Quincas Borbas*:Amigo de infância de Brás, Filósofo e teórico do humanismo; *Conselheiro Dutra*:Pai de Virgília e homem bem sucedido no mundo da política; *Sabina*: Irmã do protagonista e casada com Contrim; *Cotrim*: Cunhado de Brás; *Dona Eusébia*: Mulher pobre e amiga da família de Brás;*Nhã-Loló*: Pretendente a ser esposa de Brás, porém morre de febre amarela.

A partir da colocação das personagens percebemos que a obra apresenta a maneira como a sociedade da época se estruturava, isto é, dividida em classes sociais, uma vez que há personagens que representam a elite brasileira do século XIX e outras figuras vistas como menor expressão social, assim como Dona Plácida, empregada doméstica e Prudêncio, filho de escravos. No contexto em que a obra foi produzida, havia nitidamente essa divisão entre donos de escravos, urbanos e rurais, políticos, classe média formada por comerciantes e funcionários públicos.

Dadas essas informações, vemos que a obra é marcada por caprichos e privilégios da nação inclusa no século em que a obra foi produzida, e assim, as personagens de Memórias Póstumas seguem essas características, na tentativa de ilustrar as contradições, por meio de uma análise da psicologia das personagens, marcada sempre pelo pessimismo, deixando vim à tona a negatividade em todas as situações ocorridas no tempo cronológico. Este tempo não possui uma ordem linear, uma vez que o defunto autor narra relatos começando a partir da sua morte, no primeiro capítulo intitulado “Óbito do autor”, e a partir de então, assumindo o lugar de narrador, Brás desdobra seus pensamentos, sempre dividindo com o leitor as suas insatisfações, pondo nas ocorrências humor acompanhado com ironia.

Desde o início da narração, notamos que toda ação gira em torno do pessimismo. No momento em que Brás narra seu velório, ele destaca a quantidade mínima de pessoas presentes, reforçando um dizer popular de que “amigos são poucos”:

Dito isto, expirei às duas horas da tarde de uma sexta-feira do mês de Agosto de 1869, na minha bela chácara de Catumbi. Tinha uns sessenta e quatro anos, rijos e prósperos, era solteiro, possuía cerca de trezentos contos e fui acompanhado por onze amigos. Onze amigos!(ASSIS, 2018, p.9).

Percebemos que a escrita “onze amigos é repetida, e com o sinal de interjeição, para assim evidenciar a quantidade não favorável para se haver em um velório de alguém popular como ele havia sido. Logo mais, o narrador-personagem fala sobre sua infância, trazendo suas travessuras, colocando-se como “menino-diabo”, quando descreve seu comportamento com os escravos:

Por exemplo, um dia quebrei a cabeça de uma escrava, porque me negara uma colher de doce de coco que estava fazendo, e, não contente com o malefício, deitei um punhado de cinza ao tacho, e, não satisfeito da travessura, fui à minha mãe que a escrava é que estragara o doce “por Pirraça”; e eu tinha apenas seis anos. Prudêncio, um moleque de casa, era o meu cavalo de todos os dias; punha às mãos no chão, recebia um cordel nos queixos, à guisa no freio, eu trepava-lhe ao dorso, com, com varinha na mão, fustigava-o, dava mil voltas a um e outro, e ele obedecia, algumas vezes gemendo, mas obedecia sem dizer palavra, ou quando muito, um “ai, nhonhô! Ao que eu retorqui:- “cala a boca, besta” (ASSIS, 2018, p.25).

Nesse trecho, notamos que em nenhum momento o narrador-personagem apresenta piedade pelo mal direcionado às personagens colocadas como escravo(a)s, e isso com o intuito de deixar nítida a forma de tratamento dada às pessoas postas na escravidão do tempo em que se havia a mesma deliberadamente. Brás, como pertencente a uma família de condição financeira estável é representado nessa cena como superior aos empregados da casa, em que ele pode “pisar”, machucar a escrava e Prudêncio. No decorrer da história da humanidade não tem sido diferente, uma vez que aquele que tem mais, conseqüentemente é mais bem visto e digno de respeito. Schwarz (2000) ressalta que “fica clara, assim, a intenção de sintetizar um tipo representativo da classe dominante brasileira através das relações que lhe são peculiares” (p.71) Dessa forma, Machado de Assis buscou trazer artisticamente para a literatura a divisão que horrendamente havia na sociedade Brasileira, espaço onde a vida tem sido uma corrida, onde as pessoas procuram ocupar lugares reconhecidos, levando em conta apenas o “eu”, colocando os sentimentos e emoções em segundo plano.

As personagens da obra estão centradas em seus interesses próprios, buscam ocupar lugares de prestígio, e as relações se tornaram para algumas, meios para que elas tentassem

chegar onde queriam, e a política desde então era a fonte a qual as pessoas buscaram e até hoje buscam uma estabilidade financeira. A exemplo disso, em Memórias Póstumas temos o relacionamento entre Virgília e Lobo Neves:

Então apareceu o Lobo Neves, um homem que não era mais esbelto que eu, nem mais elegante, nem mais lido, nem mais simpático, e todavia foi quem me arrebatou Virgília e a candidatura, dentro de poucas semanas, com o ímpeto verdadeiramente cesariano. Não precedeu nenhum despeito; não houve nenhuma violência familiar. Outra veio dizer-me, um dia, que esperasse outra aragem, porque a candidatura de Lobo Neves era apoiada por grandes influências. Cedi; tal foi o começo da minha derrota. Uma semana depois, Virgília perguntou ao Lobo Neves, a sorrir, quando seria ministro. _Pela vontade, já; pelas dos outros, daqui a um ano. Virgília replicou: _Promete que um dia vai me fazer baronesa? _Marquesa, porque eu serei maquês (ASSIS, 2018,p.69).

A partir dessa fala percebemos que o narrador faz uma comparação entre ele e Lobo Neves, a fim de demonstrar que tal característica não seria razão suficiente para que fosse trocado por outro homem, mas que o motivo fosse o desejo ser mulher renomada de um político, o qual Virgília possuía.

3.1.Brás Cubas

Como já dito anteriormente, Brás Cubas trata-se da personagem principal da obra em estudo, na qual ele assume o lugar de narrador, se colocando em um plano não físico, ou seja, Brás é apresentado como defunto para narrar o seu passado amargo, porém, deixando vir à tona seu desejo de viver novamente alguns momentos, e assim Sousa (2018) nos ajuda a pensar isso:

A relação entre o Brás Cubas narrador e o Brás Cubas narrado, configura-se na alternância da narração, que, por hora, se pauta pela visão do narrador defunto no momento da narração e, por vezes, orienta-se pela tentativa de recuperar sensações do momento da vivência (SOUSA, 2018, p.2).

Notamos que o defunto autor se expõe das duas formas mencionadas por Sousa, uma vez que mesmo Brás sendo narrador, ele deixa-se ser narrado por ele mesmo, apreciando momentos bons e ruins, recordando os que marcaram sua trajetória de vida e trazendo-os de forma atualizada, como se tivesse sentindo os sentimentos no devido momento, tornando-os reais. Vejamos no seguinte trecho:

Notem que aquele dia amanheceu alegre para mim. Meu pai ao almoço, repetiu-me, por antecipação, o primeiro discurso que eu tinha a proferir na câmara dos deputados; rimo-nos muito, e o sol também, que estava brilhante, como nos mais belos dias do mundo; do mesmo modo que virgília devia rir, quando eu lhe contasse as nossas fantasias do almoço (ASSIS, 2017,p.67).

Dessa maneira, vemos que mesmo querendo retratar as insatisfações da vida, Machado de Assis buscou demonstrar o outro lado da moeda, deixando na obra rastros de uma personagem que possui uma vida conturbada, mas que em algum momento sentia o prazer de estar vivo.

Ao tratar de Brás Cubas, o que mais chama atenção é o fato de que mesmo colocado como morto, existe um propósito, já que os mortos não são punidos por algum ato. E assim, encontra-se a forma de abrir toda particularidade da vida de alguém, dando a liberdade de falar ocorridos e sucessivamente fazer críticas sobre tais. No início da narração, o defunto autor divide com o leitor a sua dúvida sobre como começaria a discorrer sobre a própria vida; se pelo nascimento ou pela morte, porém ele mesmo se posiciona a dizer que iniciaria pela morte, pondo que ficaria mais elegante e também por Moisés ter feito da mesma forma, utilizando assim de uma narração bíblica. Por meio disso, percebemos que a personagem busca dividir a técnica da produção da narração com o leitor.

Ainda pensando no perfil de defunto que a personagem Brás Cubas assume, e que narra sua própria história depois de morto, dar-se a interpretar que se trata apenas de uma fantasia:

Surge então a pergunta: se a fantasia surge como realidade; se não conseguimos agir senão mutilando o nosso eu; se o que há de mais profundo em nós é no fim de contas a opinião dos outros; se estamos condenados a não atingir o que realmente parece valioso, qual a diferença entre o bem e o mal, o justo e o injusto, o certo e o errado? Machado de Assis passou a vida ilustrando esta pergunta, que é modulada de maneira exemplar no primeiro e mais conhecido dos seus grande romances de maturidade: Memórias Póstumas de Brás Cubas. Nele mesmo a vida é conceituada relativamente, pois é um morto que conta sua própria história (CANDIDO,1995, p.9).

Com a fala de Antônio Candido, observamos que a obra Machadiana se desdobraem forma de fantasia, porém como algo real, na qual a personagem se utiliza do “eu” narrador para trazer opiniões sobre si mesmo, e aproximar mais ainda a obra de um sentido de ‘verdade’, e também para invalidar a opinião dos outros.

Por estar situado no movimento estético realista, o autor Machado de Assis se sentiu na liberdade de produzir a obra baseada na realidade da sociedade do século XIX, moldando as personagens de maneira que refletisse o homem do seu tempo. Homem este que não sabe o que é mais valioso na vida; se são os sentimentos, se são os lugares de prestígios, o dinheiro, a profissão considerada de alto nível... tudo isso gerando no homem dúvidas, uma vez que ele pode ser posto a optar por uma única coisa, porém, o pensamento dele estará atrelado ao materialismo, ao desejo de crescer financeiramente, sacrificando até mesmo o que pode haver de mais precioso para si: o amor.

No tocante ao amor, a vida da personagem Brás gira em torno de desilusão, principalmente amorosa, em que ao se envolver com alguma mulher, o pensamento burguês sempre atrapalhava; quando não partia das mulheres, partia dele próprio. Os planos/objetivos de Brás para o futuro terminavam não obtendo êxito, assim não possuindo nenhum grande feito, como descrito na obra de Machado “[...] não alcancei a celebridade do emplasto, não fui ministro, não fui califa, não conheci o casamento” (ASSIS, 2018, p. 178). Por mais que almejasse tais prestígios, não foi possível obter alguma realização, tendo impedimento por meio de fatos sociais, conseqüentemente deixando o leitor a espera de que algo positivo se concretizasse na vida da personagem, porém esse não foi o intuito da produção de *Memórias Póstumas*, uma vez que se pretendia trazer para a literatura a realidade distorcida que havia na convivência do homem na época .

A obra está centrada em discorrer sobre os fatos com tom crítico, sendo Brás crítico de si mesmo e dos outros com tom irônico. O narrador personagem (Brás) tinha o desejo de se tornar reconhecido, de casar-se, visto que o casamento no decorrer da história é tido como um dos principais valores familiares. No entanto, mais do que um valor familiar, Brás buscava no casamento uma forma de crescer e ser bem visto na sociedade. A exemplo seu relacionamento com Virgília estava sustentado pelo fato do pai dela ser um político, e com isso Brás pretendia tirar proveito, ser deputado e, futuramente, ministro, porém Virgília não pensava muito diferente, pois planejava ser uma mulher de status, e então decide casar-se com o político renomado Lobo Neves, mesmo tendo um sentimento por Brás Cubas.

3.2. Virgília

Com relação a personagem feminina Virgília, Machado de Assis constitui numa postura de mulher que, de certa forma, se opõe ao modelo de mulher imposto pela sociedade do seu tempo, a qual deveria se submeter ao casamento, assumir um papel de boa mãe, permear apenas no ambiente doméstico e apresentar um bom comportamento, para assim ser uma mulher respeitada/honrada/bem vista. Dito isto, sabemos que não é bem assim a personagem na obra *Memórias Póstumas*, uma vez que Virgília opta casar com o político influente Lobo Neves, porém continua se encontrando às escondidas com o ex-namorado Brás Cubas:

Dona plácida, que espreitava a ocasião idônea para a saída, fecha subitamente a janela e exclama: — Virgem Nossa Senhora! Aí vem o seu marido de Iaiá! O momento de terror foi curto, mas completo. Virgília fez-se da cor das rendas do vestido, correu até a porta da alcova; Dona Plácida, que fechara a rótula, queria também a porta de dentro; eu dispus-me a esperar o Lobo Neves. Esse curto instante passou. Virgília tornou-se a si, empurrou-me para a alcova, disse

a Dona Plácida que voltasse à janela; a confidente obedeceu (ASSIS, 2018, p.133).

O presente trecho parte de um momento de encontro entre Virgília e Brás Cubas às escondidas do marido dela, em que dona Plácida encobria o romance dos dois, mostrando assim que a personagem Virgília possui um forte sentimento por Brás, e que nos deixa a pensar que o que a uniu a Lobo Neves no casamento não foi amor, mas um interesse advindo da parte dela. Dessa forma, Machado de Assis distorce a ideia de mulher comportada e respeitada/honrada imposta pela sociedade.

Apesar de romper com aspectos modestos impostos para mulher, Virgília preserva os valores familiares, mantendo o casamento, ainda que tenha que sacrificar seus desejos íntimos e realizá-los ocultamente. Isso vemos no momento em que seu amante a convida para fugirem, mas ela não aceita:

Vi que era impossível separar duas coisas que no espírito dela estavam inteiramente ligados: o nosso amor e a consideração pública. Virgília era capaz de iguais e grandes sacrifícios para conservar ambas as vantagens, e a fuga só lhe deixava uma. Talvez senti alguma coisa semelhante a despeito; mas as comoções daqueles dois eram muitas, e o despeito morreu depressa vá lá; arranжемos a casinha (ASSIS, 2018, p.99).

O amor e a consideração pública são dois bens que a personagem Virgília não larga, uma vez que busca mantê-los, mesmo tendo que se colocar na situação de adultério, pois o que Brás tinha de oferecer, Lobo Neves não tinha, e vice-versa. Perante essa situação, Virgília não queria largar a mão nem do amor e nem dos status que ela buscava na política do esposo. Assim, a personagem acaba se submetendo parcialmente ao modelo de mulher imposto pela sociedade, sendo que de um lado conserva a ideia de permanência no casamento, e do outro possui um comportamento tido como desrespeitoso e desonroso para uma mulher.

Com relação à escrita de Machado de Assis, percebemos quenesse contexto houve uma mudança drástica nas personagens femininas, pois nas obras românticas as mulheres se apresentavam de forma sentimental, e nas obras realistas elas visam seus próprios interesses. O casamento que, antes era a união de duas pessoas que se amavam, no realismo se torna um lugar de encontrar no outro uma forma de crescer materialmente, não importando se há algum sentimento.

Virgília em sua composição na obra *Memórias Póstumas* apresenta traços burgueses, e isso percebemos pela forma descrita na fala do narrador personagem em discorrer sobre as atitudes dela; o que é, dessa forma uma novidade para a literatura brasileira, uma vez que a mulher na literatura romântica (e nas anteriores), teria que ser totalmente submissa, recatada e

do lar. Ao se tratar de traços burgueses, não somente Virgília os possuem, como também Marcela e o próprio Brás Cubas. Marcela e Virgília são descritas de forma que podemos pensar que elas são ambiciosas e que buscam suprir esse sentimento por intermédios dos homens. Com isso a obra nos faz uma mistura de sentimentos, ora parece existir amor, ora parece ser somente ambição. Essa mistura certamente seria uma estratégia do Machado de Assis para deixar o leitor a refletir sobre o comportamento do homem do seu tempo.

Na obra em estudo, existe um capítulo dedicado somente a Virgília, inclusive intitulado com seu nome e seguido de um ponto de interrogação: *Virgília?* Como a própria obra destaca, o que é feito nesse capítulo diz respeito a uma descrição física e moral de Virgília pelo Brás Cubas, afirmando que ela era “[...] clara, faceira, ignorante, pueril, cheia de muitos ímpetos misteriosos, muita preguiça, alguma devoção...”(ASSIS, 2018, p.53). Nessas características já percebemos de antemão que o narrador supõe que Virgília não seja uma mulher adequada para se casar, conforme o modelo imposto pela sociedade. Ainda no mesmo capítulo Brás mostra interesse por Virgília, porém com o pensamento de que seu comportamento poderia vir a mudar, para assim obedecer ao perfil exigido pela sociedade.

3.3.Lobo Neves

A personagem Lobo Neves diz respeito ao esposo de Virgília – é uma figura pública - um político de grandes influências, e por essa posição que conquistou o casamento com a tal esposa. Em dois momentos da narração, Brás Cubas se diz melhor do que o seu rival Lobo Neves “[...] e dizia isto a olhar para a ponta do nariz” (ASSIS,2018,p.74). Machado de Assis dedica um capítulo a esse assunto, cujo título é *A ponta do nariz*. Na narração há reflexões acerca do ser humano está centrado no próprio nariz, metaforizando sua fala, e chegando a concluir nesse capítulo que “[...] há duas forças capitais: o amor que multiplica a espécie, e o nariz que a subordina ao indivíduo” (ASSIS, 2018, p.76). Dessa forma, Machado de Assis ironiza o amor, deixando expresso que ele é um meio de se obter dinheiro, e que o olhar para o nariz, para si mesmo, a fim de obter esse dinheiro, o indivíduo pode chegar ao ponto de se rebaixar a uma situação não completamente satisfatória, que seria o caso de Virgília e Lobo Neves; um casamento que não contenta ambos.

Ainda que traído por Virgília, Lobo Neves não é demonstrado como um homem ciumento, fato que reforça mais ainda que o amor não é centralizado na vida de um casal. Machado de Assis se esforçará para demonstrar que o casamento não passa de uma convenção social e que o amor, conseqüentemente, seria da mesma forma. A personagem Brás em um diálogo com o pai no *Capítulo 28* deixa claro que pretendia se casar por conselhos e influências

do seu pai: “[...] — Todo homem público deve ser casado — interrompeu sentenciosamente meu pai” (ASSIS, 2018, p.55). Com isso, a obra expõe o pensamento burguês de que se ter dinheiro não é o suficiente para uma posição de prestígio, mas que também é preciso ter bom nome e ser casado.

4. O AMOR DESTROÇADO

4.1 O Jogo da Traição

podemos dizer que o amor fica disperso na narração, ou seja, não mais é centralizado na vida das personagens, deixando posto que existam fatores mais importantes a se tratar do que o amor, como a carreira política, o progresso nos estudos, o desenvolvimento de um remédio para o próprio reconhecimento, e que o amor seria apenas um acréscimo a esses desejos ou um meio para chegar até eles.

Além de tratar do amor, a obra apresenta também a traição como um dos temas principais. Com isso nos perguntamos: Por que a literatura realista toca no tema traição? Seria porque o amor está destroçado? Se fizermos um paralelo entre o Romantismo e o Realismo em relação a esse tema, podemos perceber que o primeiro trata de um amor “ideal”, pleno, divinizado, a garantia da felicidade, em que se tinha como objetivo o casamento, resultado de um amor sincero, nobre e edificante, pensando assim em união traduzida em fidelidade; enquanto no segundo, vai haver uma quebra social, ou seja, o amor que se tinha normatizado como algo puro, belo, ideal, passa a ter uma nova visão sobre tal, uma vez que começa a existir outra maneira de amar.

No Realismo, o amor não mais é tido como algo divino, mas como materialista, já que os seres buscam o que o outro pode oferecer em troca, para assim merecer estar ao lado daquela pessoa. Como podemos perceber na obra em análise, parece até existir amor entre algumas personagens, mas que na verdade ninguém ama ninguém na história, pelo fato de que por trás de cada relação existe um pensamento materialista o qual faz com que determinada personagem sinta o desejo de união com a outra. O Casamento que se tinha como um dos valores sociais e divino torna-se um meio para que haja a somatória de bens e interesses próprios, não sendo o amor o primeiro motivo para a união, mas podendo ser apenas uma atração física, política, social. Somente a isso se atribuía o conceito de amor, deixando escapar assim a ideia de que essa maneira de amar do Realismo, não condiz com a do Romantismo.

A escrita literária romântica buscava retratar uma sociedade “comportada”, em que traição seria “abominável”, como trazida nas palavras de Ferreira (2012, p. 8):

Dentro dos moldes românticos, a trama tratava a vida cotidiana da burguesia em meados do século XIX e evidenciava as discussões sobre o amor e os casamentos arranjados naquela época. Mas, como uma boa parte das obras românticas, sempre havia um final feliz por parte dos protagonistas, os quais se apaixonam na infância e depois reencontram e tem um digno de uma trama romântica. A importância desse tipo de narrativa era notável, pois naquela

época, a literatura e leitura, serviam como um “manual de bons costumes”, ou seja, esta arte retrataria o que seria um ideal de sociedade e famílias exemplares. Um grande exemplo do patriarcalismo que era refletido na literatura poderia ser *Lucíola* (1862), de Alencar. A trama narra a história de uma mulher do baixo meretrício que conhece Paulo, com quem tem um filho e no fim da história ela morre e é reclusa da sociedade por conta do seu pecado que cometera, o adultério. A morte da protagonista simboliza “castigo merecido” que uma cortesã teria de ter naquela sociedade, afinal, seria inaceitável que uma mulher de conduta abominável tivesse um final feliz .

Na obra *Memórias póstumas* percebemos que se contrapõe ao romantismo; não possui um final feliz. Como podemos perceber na narração, o protagonista discorre na história seus dias de luta para chegar em seus objetivos, porém como nenhuma fora glória alcançada, encerra a obra com sua própria fala afirmando suas insatisfações “[...] Não tive filhos, não transmiti a nenhuma criatura o legado da nossa miséria” (ASSIS, 2018, p.178). Dito isto, dar-se a entender que a personagem, por não se sentir realizado, também não queria levar mais alguém para sofrer na vida, reforçando assim o pessimismo na obra, que também é uma das características do movimento realista.

Com relação ao tema traição, no Romantismo percebe-se que é um ato inaceitável, anormal e escandaloso para a sociedade desse período, refletindo assim nas obras literárias uma maneira de reeducar os leitores da época. Quando partimos para o Realismo notamos que no tocante à traição, existe certa passividade para esse assunto, uma vez na obra em estudo, após Lobo Neves quase esclarecer a traição da esposa Virgília com Brás Cubas, não toma uma atitude violenta, muito menos resulta em morte por motivos de ciúmes. Ainda que tenha recebido uma carta anônima denunciando o romance entre Virgília e Brás, Lobo Neves se encontra com o amante da sua esposa e, friamente, não deixa escapar nenhuma indignação sobre o ocorrido:

Ele veio a mim, com muita afabilidade e riso, puxou-me a um dos óculos do teatro, e falamos muito, principalmente ele, que parecia o mais tranqüilo dos homens. Cheguei a pergunta-lhe pela mulher; respondeu que estava bem, mas torceu logo a conversação para assuntos gerais, expansivo, quase risonho (ASSIS, 2018, p.128).

A partir desse trecho percebemos que nesse período literário houve uma moderação nos transtornos sociais no que se diz respeito à traição, certamente porque o amor foi mudado de perspectiva, e nisso por não existir a presença “forte” do amor, a traição não resulta em incômodo para o casal, pois o que pode estar sustentando a relação não vem a ser um afeto, mas um interesse pessoal.

O tema traição na obra *Memórias póstumas* vem sendo trabalhada para nos mostrar a despreocupação da sociedade com o sentimentalismo. A favor disso, notamos nas relações que existe um amor o qual não se resolve que sempre está pondo a personagem em dúvida sobre

qual atitude tomar em determinada relação, ou simplesmente deixando uma relação e passando para outra como se nada tivesse ficado de sentimento, e isso vemos que acontece com o protagonista da obra. Por ser a personagem principal e narradora da obra, Brás faz um percurso que descreve sua vida amorosa de forma conflituosa, na qual não busca apenas resolvê-la, mas fazer uma análise psicológica sobre a razão de manter ou não a relação.

No caso amoroso que teve com Marcela, Brás deixa evidente que a parceira estava com ele ou já tinha estado com outros somente por ambição a jóias e ao dinheiro. Isto vemos quando Brás oferece um pente com diamantes em troca dela viajar com ele para Coimbra “[...] Então mostrei-lhe o pente de diamantes... Marcela teve um belo sobressalto, ergueu metade do corpo, e , apoiada num cotovelo, olhou para o pente durante alguns instantes curtos; depois retirou os olhos; tinha-se dominado” (ASSIS, 2018, p.39). Mas, antes disso Brás descreve uma fala que faz uma relação entre amor e o dinheiro “[...] Bons joalheiros, que seria do amor se não fosse os dices e fiados” (ASSIS, 2018, p. 37). A partir dessa colocação, podemos pensar que a obra ironiza a ideia de amor, dando-nos a acreditar que se não existisse o joalheiro e uma boa forma de pagamento, logo não existiria amor e que sem isso, o sentimento não se manteria.

Da parte do pai de Brás, a obra mostra que existe uma insatisfação, uma preocupação com a moral do filho em se relacionar com uma suposta prostituta, tanto que o romance de Brás e Marcela torna-se mais um impulso para o pai mandar o protagonista viajar:

— Dessa vez— disse ele — vais para a Europa; vai cursar uma universidade, provavelmente Coimbra; quero-te um homem sério e não para arruador e gatuno. E como eu fizeste um gesto de espanto: — Gatuno sim senhor, não é outra coisa um filho que me faz isto... (ASSIS, 2018, p.37).

A partir dessa fala e das demais ideias desenvolvidas na obra, Machado nos deixa a pensar que a sociedade do século XIX estava pautada também em buscar um lugar honrado, de prestígio, onde a moral se fazia necessária para que isso acontecesse. Além disso, percebemos na fala do pai de Brás que para ser considerado um homem responsável, deve-se ter uma profissão, certamente uma de prestígio, assim como a de advogado, para a qual Brás se formou. Ainda que não atue, mas possuindo ensino superior, o Homem seria mais valorizado, e que fora disso seria considerado um “Gatuno”, ou seja, ladrão; alguém que não quer nada com a vida.

Com isso, a obra segue desenhando o perfil do homem do seu tempo; que busca um bom status, ser representatividade na sociedade, e que se envolver com uma “pessoa qualquer” causaria preocupação à família. A forma como pai de Brás se posiciona sobre o futuro do filho, reflete uma sociedade que está preocupada com o futuro dos filhos; que os vê como

investimento para a vida, ou melhor, uma esperança de realizar os desejos econômicos, políticos e dos pais. Lasch (1991) resume assim esta questão:

O sistema familiar burguês, que alcançou seu pleno florescimento no século XIX e agora parece estar decaindo lentamente, se apoiava no que os sociólogos denominaram ‘casamento por companheirismo, centrado na educação doméstica das crianças’, na emancipação ou quase emancipação da mulher e no isolamento estrutural da família nuclear em relação ao sistema de parentesco e à sociedade em geral. A família encontrou respaldo ideológico e justificação no conceito de vida doméstica como refúgio emocional em uma sociedade fria e competitiva (LASCH, 1991, p. 28, *apud* TOLEDO, 2013, p.206).

Dito isto, percebemos como se pensava sobre o casamento, por companheirismo, em que o principal motivo de ligação entre os casais seria possuir as mesmas perspectivas de futuro, de crescimento financeiro entre o casal e os filhos, para assinar se igualar a outras famílias patriarcais, ou até mesmo competir.

Ao analisarmos a obra podemos perceber que o pensamento burguês é o que conseqüentemente provoca distorção nas relações entre os pares afetivos, a insatisfação do não possuir algo e de buscar no outro, resulta em um caso amoroso preso no materialismo e conflituoso.

Por meio das ideias anteriores, vemos que para ter uma boa representatividade social precisa-se de uma boa formação acadêmica, um bom curso, ser político, desenvolver algo para o bem comum, e possuir um bom par afetivo, sendo este o desejo de Brás e do pai. Porém nem tudo se realiza, ou quase nada. É tudo planejado e buscado, mas não alcançado, mostrando assim a lógica do realismo, o qual abre espaço para o pessimismo, rompendo o idealismo do movimento que o antecede. Enquanto o Romantismo buscava idealizar, e trazer uma literatura original que exaltava a pátria, o Realismo distorce todo Patriotismo, desenhando na literatura a dura realidade de um povo que luta, que corre, que sofre, mas que não alcança seus objetivos.

Visto que a sociedade se comportava de forma materialista, a obra em estudo nos traz uma nova maneira de se ver as relações entre as pessoas, não somente entre os pares afetivos; o empregado é tratado de uma forma, o político de outra, o sentimento (amor) pouco importa, a traição não mais é preocupação, portanto que não venha a público.

Em *Memórias Póstumas*, observamos que no casamento entre Lobo Neves e Virgília não há nenhum momento de intimidade e descrição amorosa entre eles; fato que corrobora ainda mais sobre a falta de amor no enlace dos dois. Não se pensa na possibilidade de existir alma gêmea na obra, nem sequer em felicidade, mas em busca de satisfação financeira. Aqui vale lembrar-se das palavras de Toledo (2013), quando diz que “[...] o investimento financeiro

torna-se investimento afetivo” (TOLEDO, 2013, p.206). Sendo assim, a relação pode estar pautada no crescimento pessoal, uma vez que cada um busca se satisfazer e também atender aos padrões da sociedade, que buscou e busca dividir as pessoas por classe, dispondo de uma lógica burguesa, na qual quem tem mais é representatividadee, conseqüentemente, é mais valorizado, e quem possui menos, supostamente é menosprezado, ou seja, “ter” é sinônimo de “valer”.

4.2.Sem solução para o Amor, Morte

Ao tratarmos de Amor no romance machadiano *Memórias póstumas* não poderia deixar de falar sobre o tema morte, este que é colocado na obra de uma forma genial, isto pela maneira como o autor a introduz artisticamente. Quando falamos em introduzir, relativamente foi o que Machado de Assis fez com esse tema, a morte foi o tema introdutório da obra, sendo que Brás Cubas assumi o lugar de narrador, em que ele se coloca como “defunto-autor”, apresentando-se assim desde sua dedicatória:

Trata-se na verdade de uma obra difusa, na qual eu, o Brás Cubas, se adotei a forma livre de Sterne, ou de um Xavier de Maistre, não sei se lhe meti algumas rabugens de pessimismo. Pode ser. Obra de finado. Escrevi-a com pena da galhofa e tinta da melancolia, e não é difícil antever o que poderá sair desse conúbio(ASSIS, 2018, p.9).

Mais a frente, Brás começa a narrar sobre a própria morte, depois vai para a infância.A partir da maneira como a narração é apresentada, nota-se que há certa irregularidade em comparação a ordem natural da vida. É comum as obras serem narradas desde o nascimento até a morte, porém na obra existe uma inversão. Segundo Coutinho (1999, p.10), “(...) a vida tem um ritmo irregular”, e seria nessa tentativa de mostrar as irregularidades da vida, que o autor arquiteta a narração invertendo a ordem dos acontecimentos.

Na obra em análise podemos perceber que os acontecimentos giram em torno de negar o amor e os ideais românticos. No que diz respeito à morte, vale salientar que Brás Cubas não morre de Amor, mas de uma doença, contrapondo-se assim ao Romantismo. A morte na obra não é resultado de sofrimento por amor, mas é um meio que a personagem encontra para discorrer todas as insatisfações em todos os campos da sua vida, visto que um morto tem liberdade sem punição.

Com essa liberdade, o narrador usa da ironia para ir contando detalhadamente os momentos de lutas, buscas e as não realizações, deixando invadir o pessimismo. Desde o início da narração já se percebe que o personagem não se contenta com a presença poucas pessoas no seu velório. Logo adiante se relaciona com Marcela, se apaixona, mas não acha nela o tipo de

mulher que ele busca, por ser interesseira. Conhece Eugênia, porém acontece algo semelhante; não é do seu agrado, por ser coxa e pobre. Tenta produzir um emplasto (remédio), não obtém êxito, busca uma carreira política, mas sem sucesso. Por fim encontra Virgília, a qual Brás vê nela um perfil de mulher que lhe acha conveniente e se apaixona, porém esta mulher o trai e decide casar-se com um homem bem mais estruturado financeiramente que o próprio Brás. Feito esse resumo, notamos que há um individualismo, a busca do “eu”, ou seja, para “eu”; busca de ser representatividade e sucesso.

As personagens criadas por Machado de Assis, nessa obra, refletem uma sociedade gananciosa, dividida em classes sociais, e isso podemos ver pela linguagem, ou seja, nas variantes linguísticas produzidas nas falas das personagens. “Percebe-se que na fala de Brás Cubas existe ênclise em “fez-te”, “perdoa-lhe” e entre outras; estas que são formas aceitas pela norma padrão e tidas como falares de classe socioeconomicamente prestigiada, deixando a pensar que ele teve acesso à educação formal. Diferentemente disso, temos a fala da personagem Prudêncio: “— é um vadio e um bêbado muito grande. Ainda hoje deixei ele na quitanda, enquanto eu ia lá embaixo na cidade, e ele deixou a quitanda para ir na venda beber” (ASSIS, 2018, p.99). Com isso notamos que Prudêncio pertence a uma classe tida como menos prestigiada e menos letrada, sendo que em vez de “deixei ele”, a norma padrão impõe o uso “deixei-o”.

Então, a obra apresenta essas marcas na linguagem para mostrar que o povo da época buscava se diferenciar até mesmo na língua, para assim distinguir a classe pertencente. Desta forma, a língua tem sido uma ferramenta para as pessoas a usarem em favor próprio, corroborando para a divisão de classes, principalmente quando se fala em língua padrão, uma vez que quem foge dela é considerado pobre, ou menos escolarizado, e aquele que a segue consequentemente seja rico e letrado e obviamente bem mais visto aos olhos da sociedade burguesa.

O narrador, o tempo todo, se esforça para demonstrar como se dão as relações sociais no século XIX, tanto entre as pessoas no dia a dia como entre os pares afetivos, moldando nas personagens perfis que correspondam ao comportamento da sociedade do seu tempo.

Memórias Póstumas de Brás Cubas marca a passagem da fase Romântica para a fase Realista, apresentando assim uma forte mudança em sua estética e na visão do fazer literário, e com isso Machado de Assis vai a fundo, buscando trazer para as obras o pensamento humano e seus comportamentos diante das inovações e transformações que a sociedade vinha sofrendo, por isso *Memórias* é uma produção que faz uma análise psicológica das personagens.

Ainda que seja uma obra Realista, e que busque transpor para a literatura uma realidade social, Machado de Assis não deixa que se perca em Memórias póstumas a beleza e a estética literária. Ao tratar do narrador, sabemos que defunto não escreve, muito menos um livro, Porém, na literatura realista, Machado de Assis dá vida ao narrador e deixa que ele conte seus próprios dramas, utilizando-se assim da primeira pessoa do singular; “eu”, reafirmando mais ainda o individualismo do homem daquele momento histórico; que só pensava em si, no crescimento próprio, a ponto de se relacionar ou até mesmo casar, mesmo sem que haja sentimento.

Nesse sentido, narrada em primeira pessoa, a obra mostra que o protagonista está a todo tempo envolvida nos acontecimentos e atribuindo características as demais personagens, assim como explica Brait (2004, p. 22):

A condução da narrativa por um narrador em primeira pessoa, implica, necessariamente, a sua condição de personagem com os “acontecimentos” que estão sendo narrados. Por esse processo, os recursos selecionados pelo escritor para descrever, definir, construir os seres fictícios que dão impressão de vida, chegam diretamente ao leitor através da personagem. Vemos tudo isso através da perspectiva da personagem, que, arcando com a tarefa de “conhecer-se” e expressar esse conhecimento, conduz os traços e os atributos que presentificam as demais personagens.

Brait (2004) nos ajuda a pensar sobre a eficiência do narrador personagem em primeira pessoa para atribuição de verdade em uma obra, principalmente no que se diz respeito a uma produzida no movimento realista. Encaixando-se a esse tipo de personagem, Brás Cubas irá se caracterizar e também as demais personagens, principalmente quando trata da moral, ainda que não use expressões pejorativas. A exemplo disso, temos Marcela, ainda que não a chame de prostituta, mas fala do prazo mínimo de amor que ela teve por ele, e que estaria com ele por “onze contos de réis”. Sucessivamente, o narrador personagem passa a caracterizar a próxima pretendente; Eugênia, achando-a pobre e coxa, Brás simplesmente não opta por ela. Logo mais se apaixona e admira Virgília, mas que Brás vai descrevendo cenas suas com ela, insinuando assim que Virgília simplesmente é adúltera. Com isso, percebemos fortemente a ironia de Machado de Assis apresentada por meio da personagem Brás, uma vez que Machado é conhecido como escritor irônico.

Pelo fato da obra se tratar de memórias, torna-se uma possibilidade de aproximar o escrito e o vivido, assim afirma Beth Brait:

Quando a personagem expressa a si mesma, a narrativa pode assumir diversas formas: diário íntimo, romance epistolar, memórias, monólogo interior. Cada um desses discursos procura personificar a personagem, expondo sua

identidade de forma a diminuir a distancia entre o escrito e o “vivido” (BRAIT, 2004, p.62 – Grifo da Autora).

No romance machadiano que ora estamos analisando, percebemos que a maneira que o narrador trouxe suas memórias, foi já estando falecido. A memória foi a forma de um “eu” narrador falar de si mesmo com autonomia. Desta forma, o passado é relembrado e apresentado como se estivesse no presente.

Através da narração, vemos que existe um esforço do narrador para convencer o leitor de suas ideias. Não é por acaso que Brás interrompe várias vezes a narrativa para dialogar com o leitor, tratando-o de forma respeitosa e inclusa na história, chegando a ponto de dividir suas escolhas com ele. Termos respeitosos dirigidos ao leitor estão presente na obra, tais como: “fino leitor”, “decida leitor”, “Deus te livre, leitor”, “veja o leitor”, “ imagine o leitor”, “imagina tu, leitor”, “ já o leitor compreendeu”, “ leitor amigo” “leitor, guarda-a, examine-a”, “amado leitor”, “ meus leitores”, e entre outras falas direcionadas ao leitor. Percebemos que o narrador tenta criar um vínculo de amizade com o leitor, para assim vivificar ainda mais e atualizar o assunto tratado.

Com isso notamos que é um defunto buscando ser levado a sério, trazer sentido de verdade naquilo que diz. Ainda que seja uma personagem que não se apresente em um plano físico, Brás traz assuntos para mexer com o presente, mesmo que tenha morrido. O passado de Brás é apresentado por ele estando morto para dizer que não obteve nenhuma glória na vida, nem mesmo no amor. Uma vez morto, narra suas insatisfações e dias de lutas. Dessa forma, é como se Machado de Assis por meio de **Memórias Póstumas de Brás Cubas** quisesse dizer que a sociedade do século XIX é isto.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das discussões e leituras realizadas no decorrer desse trabalho pudemos perceber que Machado de Assis introduziu na obra aqui trabalhada uma visão de amor condizente com as relações humanas do seu tempo, dando uma nova forma de pensar nessa maneira de amar. Fez-nos refletir sobre o que pode levar uma pessoa a amar outra, ou o que pode fazer com que ela permaneça com a outra.

Com relação à obra *Memórias póstumas*, nas relações das personagens não se priorizou o amor. Outro fato importante a ser destacado é que esse amor não foi um sentimento duradouro e único, uma vez que Brás teve mais de uma mulher, sendo que em todas as relações ele expressava uma profundidade de sentimento, porém não os manteve, uma vez que ele priorizava mais a sua vida intelectual, política e social. Isso se dava também na realidade brasileira no século XIX e ainda arriscamos a dizer que também reflete o momento atual, ao percebermos que algumas relações humanas são construídas à base do interesse em grupos dotados de poder, principalmente quando se trata de política.

Por meio da obra, Machado ironiza o “eu” da sociedade brasileira. Por meio da personagem Brás, fica expresso que ser feliz não é somente estar com a pessoa amada, e sim estar numa posição socialmente aceita. Isso não se deu somente com Brás, mas com Virgília e Marcela também, as quais são apresentadas como interesseiras.

Diante das modificações que a sociedade sofre, a literatura, como arte, vai abrindo espaço para se pensar nas diversas questões, e assim foi no momento do Realismo. Esse movimento chegou no Brasil em boa hora, uma vez que o país estava passando por transformações fortes em diversos campos, e um deles foi na economia. Com o desenvolvimento das indústrias, o capitalismo foi sendo mentalizado na sociedade, provocando assim a “necessidade” de consumir e de “ter” a todo custo, chegando até a interferir nas escolhas dos pares afetivos, sacrificando até mesmo os próprios sentimentos.

Machado de Assis trouxe uma novidade para a literatura brasileira, visto que ele tentou aproximar a obra *Memórias Póstumas* ao máximo possível do contexto da sociedade brasileira no final do século XIX, trazendo assim para a arte, uma visão real das relações humanas, indo além do movimento estético, pelo fato de possuir suas próprias estratégias.

Ao tratar de amor, Machado apresentou uma mudança drástica a esse termo em sua obra, pois pensar em amor dentro de outros movimentos que antecederam o Realismo, está relacionado ao sentimentalismo e ligado à fidelidade, ao perdão, ao sofrer e ao morrer de amor.

Machado de Assis com seu tom sarcástico utiliza a obra em estudo para contrapor com essa visão de amor que vinha sendo introduzida na literatura.

O amor é um tema que se eleva na obra de Machado de Assis, colocado como ponte para suprir as necessidades materiais das personagens. Em *Memórias*, essa questão foi bem destacada na personagem Brás Cubas, a qual foi colocada na condição de defunto para narrar sobre suas memórias, em que ele relata sobre suas tentativas incertas em relacionamentos, nos quais, tanto ele quanto as mulheres possuíam algum interesse na relação.

Com isso, percebemos que o amor que tanto foi exaltado em diferentes momentos da literatura, no Realismo este recebe um tratamento distorcido do ideal que se vinha trabalhando anteriormente, não sendo assim, um sentimento mais importante, uma vez que na obra, nenhuma personagem chega a se casar, e nem tampouco se sofre por amor, mas sim se sofre por não alcançar os objetivos próprios. No enredo não possui uma busca de um amor verdadeiro, mas uma busca de um cargo político, de reconhecimento, de *status...* de “ter”.

Dar-nos a entender que o amor trata-se de uma convenção social, uma vez que se escolhe a quem vai amar, e se a pessoa escolhida pode favorecer a algo. Logo, na obra em análise, Machado de Assis quebra a visão de amor tido como divino/puro/verdadeiro, no qual o objetivo de amor não seria unir pessoas, mas unir o que elas possuem de útil.

Dessa forma, Machado de Assis faz uma análise psicológica das personagens, refletindo assim ao comportamento do homem do século XIX, uma vez que este centrado em si mesmo, isso resultado de influências das mudanças sociais, políticas e econômicas, visto que o homem vive uma corrida, na qual quem conseguir ter mais, será mais valorizado e reconhecido na sociedade, e isso se perpetua até os dias atuais.

Para tanto, Machado também mostra fortemente a divisão de classes, já que o amor seria apenas uma forma de se chegar a uma classe favorável, e que ainda assim isso não é possível, tanto que a personagem Brás, por mais que lute por glória, reconhecimento e lugar de prestígio, não obteve êxito, chegando a morrer sem nenhuma realização: não conseguiu a mulher que queria, não foi reconhecido pelo emplasto, nem ao menos conseguiu uma boa carreira na política.

Vale ressaltar que esta pesquisa é um início para os outros caminhos e que muito já se disse sobre essa obra e esse autor.

REFERÊNCIAS

ASSIS, Machado de. **Dom Casmurro**. Disponível em: <https://lelivros.love/book/dom-casmurro-machado-de-assis-epub-pdf-mobi>. Acessado em Agosto de 2018.

ASSIS, Machado de. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. 2. ed. São Paulo: Ciranda Cultural, 2018.

ASSIS, Machado de. **Esau e Jacó**. Disponível em: http://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraForm.do?select_action=&co_obra=16937. Acessado em: 10 de Jan. de 2019.

ASSIS, Machado de. **Quincas Borba**. Disponível em: https://www.dominiopublico.gov.br/pesquisa/DetalheObraDownload.do?select_action=&co_obra=1949&co_midia=2. Acessado em Julho de 2017.

BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BRAIT, Beth. **A personagem**. Disponível no site: http://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/2557858/mod_folder/content/0/A%20personagem%20-%20Beth%20Brait.pdf?forcedownload=1. Acessado em: janeiro de 2020.

CABRAL, Marina. **Características do Romantismo**. Disponível em: <https://m.brasilecola.uol.com.br/literatura/caracteristicas-romantismo.htm>. Acessado em: outubro de 2019.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Global, 1999

CANDIDO, Antônio. **Esquema Machado de Assis**. Disponível no site: [http://paginapessoal.utfpr.ed.br/mhlima/esquema Machado de Assis.pdf/at download/file](http://paginapessoal.utfpr.ed.br/mhlima/esquema%20Machado%20de%20Assis.pdf/at%20download/file). Acessado em: 15 de outubro de 2019.

DIANA, Daniela. **O que foi a questão Coimbrã?** Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/o-que-foi-a-questao-coimbra/>. Acessado em Setembro de 2019

MARINHO, Fernando. **Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Disponível em: <https://m.brasilecola.uol.com.br/literatura/memorias-postumas-bras.htm>. Acessado em janeiro de 2020.

FERREIRA, Júlio Flávio Vanderlan. **Romantismo: a formação da literatura brasileira**. Revista Vozes dos Vales da UFVJM: 2012. Disponível em: <http://www.ufvjm.ed.br/vozes>. Acessado em: Fevereiro de 2020.

FIGUEIREDO, Rosana. **A Crítica Social em Memórias Póstumas de Brás Cubas**. Universidade de São Paulo: 2000. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/10360/8462>. Acessado em: 12 de Novembro de 2019.

FUKS, Rebeca. **Poema o Navio Negroiro de Castro Alves**. Disponível em: <https://www.culturagenial.com/poema-o-navio-negroiro-de-castro-alves/>. Acessado em junho de 2019.

PLATÃO. **O Banquete**. Disponível no site: <https://lelivros.love/book/download-o-banquete-o-amor-o-belo-platao-em-epub-mobi-e-pdf/> Acessado em: Julho de 2019.

REALISMO. Disponível em: <https://www.infoescola.com/literatura/realismo/> . Acessado em: 25 de Set. de 2018.

SCHWARZ, Roberto. **Um mestre na periferia do capitalismo**: Machado de Assis. São Paulo: Duas Cidades, Ltda: 2000.

SOUSA, Roberta da Costa de. **Brás Cubas, Marcela, e Crônicas**: desejo e interesse. Universidade de Rio de Janeiro, 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1983-68212019000200082 . Acessado em: Agosto de 2019.

TOLEDO, Maria Thereza. **Uma discussão sobre o ideal de amor romântico na contemporaneidade**: do Romantismo aos padrões da cultura de massa.UFF, 2013. Disponível em: <http://periódicos.uff.br/midiaecotidiano/article/download/9687/6813>.Acessado em: 23 de Janeiro de 2020.